



AS BASES ANTIGAS DA MODERNIDADE LITERÁRIA: A PRESENÇA DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA NAS ORIGENS DO ROMANTISMO ALEMÃO

THE ANCIENT BASES OF LITERARY MODERNITY: THE PRESENCE OF CLASSICAL ANTIQUITY IN THE ORIGINS OF GERMAN ROMANTICISM

Rafael G. T. da Silva*

* rafae.silva@uece.br

Professor de Letras da Universidade Estadual do Ceará (UECE, Campus Aracati), membro do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (UECE). Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e pós-doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

RESUMO: A modernidade literária é frequentemente compreendida como consequência da reação que os *Frühromantiker* [primeiros românticos alemães] apresentaram contra a valorização neoclássica da Antiguidade greco-romana. O que nem sempre aparece suficientemente destacado é o fato de que essa reação vem preparada pela própria Filologia, especialmente na síntese dos esforços críticos que Friedrich August Wolf oferece ao publicar seus *Prolegomena ad Homerum* (1795). Promovendo um verdadeiro ataque ao arcabouço neoclássico de leitura retórica da Antiguidade, Wolf funda as bases da abordagem historicista ao escrutinar criticamente a tradição dos poemas atribuídos àquele que, na *Querelle des Anciens et des Modernes*, já se sagrara representante da Antiguidade: Homero. No panorama da repercussão que o trabalho de Wolf encontra entre nomes emblemáticos da cultura europeia de fins do século XVIII, como Schlegel, Herder, Heyne, Goethe e Schiller, defende-se aqui que o filólogo é uma das influências fundamentais na invenção da modernidade literária.

PALAVRAS-CHAVE: Friedrich August Wolf; História dos Estudos Clássicos; Filologia; Modernidade literária; História literária.

ABSTRACT: Literary modernity is often understood as a consequence of the reaction presented by the *Frühromantiker* [early German romantics] against the neoclassical valorization of Greco-Roman antiquity. What does not always appear sufficiently highlighted is the fact that such reaction is prepared by Philology itself, especially in the critical efforts synthetized by Friedrich August Wolf in his *Prolegomena ad Homerum* (1795). Promoting a real attack on the neoclassical framework for reading Antiquity in a rhetorical key, Wolf founds the historicist approach to that material. He does so by critically scrutinizing the tradition of poems attributed to the figure who had already been established, in the *Querelle des Anciens et des Modernes*, as the greatest representative of Antiquity: Homer. In the overview of Wolf's reception among emblematic names of European culture at the end of the 18th century, as Schlegel, Herder, Heyne, Goethe and Schiller, it is argued that the philologist is one of the fundamental influences on the invention of literary modernity.

KEYWORDS: Friedrich August Wolf; History of Classical Scholarship; Philology; Literary modernity; Literary history.

INTRODUÇÃO

Entre 1788 e 1791, Wolf debruça-se sobre os escólios venezianos da *Ilíada* publicados por D'Ansse de Villoison e estrutura o argumento que só defenderia mais longamente com a publicação dos *Prolegomena ad Homerum* (1795). Ainda assim, sua resenha à obra não deixa margem a dúvidas: desde aquele momento, o filólogo já tem plena compreensão de que a ausência originária de Homero foi a condição de possibilidade para o advento da Filologia na Antiguidade e que, portanto, essa descoberta pode permitir a renovação de sua prática na Modernidade. Tomar consciência da história da Filologia — a partir do que se revelou a necessidade antiga de estabelecer e estudar textos desde sempre já modificados, interpolados e perdidos — consiste em tomar o caminho sem volta para fora do Paraíso: afinal, o conhecimento não se desenvolve fora do espaço e fora do tempo, e todo projeto de República das Letras não passa de um ledo engano. Refletir com atenção sobre o destino de Homero e seus poemas revela que as produções do espírito humano estão condicionadas por processos históricos: se isso pode ser compreendido de forma literal para o caso da *Ilíada* e da *Odisseia*, na medida em que, com esses poemas, “as próprias ruínas pereceram” (Wolf, 1795, p. CCLXIV),¹ essa constatação não deixa de ter validade também para o caso de obras menos “problemáticas”, como seriam as tragédias de Sófocles e os

1. As traduções de obras em línguas estrangeiras são de minha autoria, salvo especificação em contrário.

diálogos de Platão, ou mesmo para obras modernas e até contemporâneas. O autor está desde sempre já morto e a única forma de restaurar o sentido efetivo de uma obra é reinseri-la em seu processo histórico.

Wolf tem plena consciência de que os escólios publicados por D'Ansse de Villoison precisam de estudos muito detalhados, capazes de estabelecer referências básicas sobre sua autoria e suas principais fontes antigas. Apesar de esboçar algo nesse sentido, ele não está interessado nesse trabalho, mas sim em expandir aquilo que os escólios permitem vislumbrar acerca dos poemas homéricos — ou melhor, do problema de se transmitir textualmente um vasto repertório composto e disseminado por uma longa tradição oral —, refletindo criticamente sobre a dimensão histórica do material filológico e, portanto, da própria Filologia. Os *Prolegomena* são importantes não porque ajudem a estabelecer com mais rigor o texto dos poemas homéricos, mas sim porque mostram o imbricamento originário da Filologia na escrita desses poemas, assinalando a necessidade de que também a prática filológica seja estudada e compreendida em seus meandros históricos, caso se queira perceber de que modo esse imbricamento reverbera na malha dos textos. Daí os apontamentos introdutórios, mas inestimáveis, de Wolf sobre a participação de Aristóteles, Antímaco, Zenódoto, Aristófanes

e Aristarco no longo processo de correção e edição dos poemas homéricos. Com isso, ele promove um verdadeiro ataque ao arcabouço neoclássico de leitura retórica da Antiguidade e funda as bases da abordagem historicista desse material, escrutinando criticamente a tradição dos poemas atribuídos àquele que já se sagrara como o maior representante da Antiguidade desde a *Querelle des Anciens et des Modernes*: Homero.

- Teses defendidas pelos Prolegomena ad Homerum

Em 1795, ocorre a publicação de sua obra sob o título de *Homeri opera omnia ex recensione F. A. Wolfii, Tomus Prior: Prolegomena ad Homerum sive de operum Homericorum prisca et genuina forma variisque mutationibus et probabili ratione emendandi, Vol. I.*² Trata-se de um título enganoso. E Wolf sabe disso. Ele, no entanto, joga com as expectativas de seu público. Não há mais um Homero a quem se possa atribuir com segurança essas obras. Não há mais esperança de se restaurar sua forma antiga e genuína. Nem possibilidade de estabelecer um método de correção desse material. Alguns leitores queixam-se de que as promessas do título não sejam cumpridas no livro, mas a verdade é que seu autor não deseja enunciar as teses principais da obra com toda a clareza. E ele parece ter razão em hesitar, afinal, o destino póstumo do abade

d'Aubignac — excomungado algumas décadas antes pela heresia de negar a Homero a existência histórica assegurada pela tradição — parece assombrá-lo, alertando-o para a violência das reações que seu posicionamento idiosincrático pode despertar. Em breve, veremos de que modo o espectro do abade se manifesta nos *Prolegomena* e vem a ser exorcizado por Wolf. Contudo, cumpre inicialmente sintetizar as principais teses de seu livro e sugerir em que medida elas são (ou não) inéditas.

O abade d'Aubignac, em escrito póstumo (publicado em 1715), defendia que os problemas de gosto, razão, estilo e poética presentes na *Ilíada* sugeriam que esse poema não fosse obra de um só autor, mas sim o resultado de uma compilação de diversos cantos, concluindo que “Homero não existiu”. Em 1735, Thomas Blackwell defendia que o Poeta tinha sido uma espécie de rapsodo, cujo meio de apresentação consistia em recitar de memória seus poemas pitorescos e improvisar uma forma de conectá-los durante a performance. Em 1767, Robert Wood explorou as conexões entre os poemas homéricos e sua realidade histórico-geográfica, enfatizando a dimensão realista da representação de Homero, entendido como um cantor atento a seus entornos. Desde publicações da década de 1760, Christian Gottlob Heyne vinha chamando atenção para a importância de se interpretar uma obra

2. A tradução do título seria: *Obras completas de Homero a partir da recensão de F. A. Wolf, Primeiro Tomo: Prolegômenos a Homero ou sobre a forma antiga e genuína das obras homéricas, incluindo suas várias transformações e o provável método para corrigi-las. Vol. I.*

à luz do contexto histórico em que seu autor a produziu, como fica claro em seu discurso de inauguração do Instituto Histórico de Gatterer (pronunciado em 1765, mas publicado em 1785) ou em seu *Encômio a Winckelmann* (de 1778). Embora Wolf pareça não ter tido qualquer conhecimento de Giambattista Vico antes de publicar os *Prolegomena*, é provável que os escritos de Johann Gottfried von Herder tenham lhe fornecido ideias parecidas sobre a linguagem como meio de expressão de um povo num contexto histórico específico. Além disso, Johann Bernhard Merian apresentara em 1789, na Academia de Berlim, seu *Exame da questão se Homero escreveu seus poemas* (texto que foi publicado em 1793, em francês), onde reunia os argumentos para a defesa da dimensão originalmente oral da poesia homérica. Assim sendo, é correto afirmar que muitas das teses defendidas pelos *Prolegomena* de Wolf não são novidade e suas próprias referências nas notas de rodapé evidenciam esse caráter de síntese de seu escrito.

Ainda assim, o estudioso adota uma retórica que pode conduzir seus leitores a imaginar rupturas com o *status quo* muito mais abruptas do que de fato são. E suas propostas parecem suficientemente disruptivas para chocar parte dos contemporâneos: Wolf defende que o texto supérstite dos poemas homéricos é produto da Antiguidade tardia; que talvez seja possível, com muito esforço, reconstituir

parcialmente o texto que os gramáticos alexandrinos estabeleceram, embora seja impossível remontar à forma de apresentação desse material no período clássico e, muito menos, no arcaico; que, portanto, não é possível restaurar a poesia originalmente oral, atribuída pelos antigos a Homero (perdido de uma vez por todas e fadado a se tornar apenas a casca vazia de um nome); enfim, que cabe à Filologia se ocupar daquelas áreas onde o método científico de estudo da história pode ajudar a esclarecer o presente, isto é, o material legado pelo passado e estudado nos dias de hoje. Unindo a ousadia de seus mestres do Iluminismo à consciência histórica desenvolvida com os principais representantes da Filologia de seu tempo, Wolf leva a cabo um efetivo trabalho de *crítica* (no sentido kantiano do termo) e busca responder à seguinte pergunta: “até onde a história pode ser efetivamente conhecida?”

Os desdobramentos de sua empreitada crítica precisariam aguardar as reviravoltas dos próximos anos, mas é possível imaginar que suas preocupações pedagógicas já o estivessem pressionando a refletir sobre uma próxima questão, de viés prático: “o que é possível fazer com esse conhecimento da história?” A muitos pode ter parecido que, obrigado a escolher entre uma abordagem classicizante (representada pela existência unitária de Homero) e uma abordagem historicizante (representada pela multiplicidade da

autoria dos poemas homéricos), Wolf tenha se decidido indubitavelmente pela segunda opção. Contudo, as coisas não são tão simples. Na sequência imediata daquela alusão ao fato de que, no caso da poesia homérica, “*as próprias ruínas pereceram*”, o estudioso sugere o seguinte:

Mas o vate mesmo parece contradizer a história, e o senso do leitor testemunha em contrário. Nem os poemas são tão deformados e alterados a ponto de parecerem tão diversos de sua forma original em detalhes específicos. Com efeito, quase tudo em seu interior parece convergir para um mesmo engenho, os mesmos costumes, a mesma forma de pensar e falar. Qualquer um que leia com cuidado e senso, com profundidade, sente isso; e para que mais do que sentir, conheças sua razão de ser, basta trocares esses poemas por Apolônio Ródio, outros poetas alexandrinos e aquele que costuma ser considerado a imagem de Homero, Quinto Esmirneu. E daí se devemos a restauração daquela miraculosa harmonia em primeiro lugar ao engenho refinado e à doutrina de Aristarco? Se ele mesmo removeu interpações de Zenódoto e aquelas mais antigas, assim como muitos versos dissonantes?; faço referência àqueles versos que pouco antes mencionei e que levariam ao ridículo um novo editor que por acaso desejasse restaurá-los do exílio ao qual os enviamos, expondo-o às mesmas pessoas que atualmente riem de Aristarco. O que importa se Aristófanes e Aristarco, colecionando todos os restos da Antiguidade, tornaram-se peritos na

linguagem apropriada a cada época e das formas legítimas da linguagem primitiva, que aqueles mesmos homens expulsaram da família homérica como ilegítimos os *Hinos* e outros livros que outrora eram vendidos em grande número sob o nome de Homero e que estabeleceram um precedente glorioso como os primeiros homens a demonstrar excelência nessa área de juízo profundo e util, mas menos difícil para os homens gregos? (Wolf, 1795, p. cclxv-cclxvi; [1795] 1985, p. 210).

Wolf sacrifica Homero. Quanto a isso não há dúvidas. Contudo, ele não está disposto a sacrificar seu classicismo. Muito antes pelo contrário, o sacrifício de Homero serve apenas para propiciar a elevação da Filologia a seu lugar como legítima herdeira de sua autoridade clássica. Em termos sociais, mas também epistemológicos e pedagógicos. Ou seja, como modelo para a *Wissenschaft* [ciência] e para a *Bildung* [formação]. Daí a substituição de Homero pelos filólogos alexandrinos. Mas não apenas pelos filólogos *alexandrinos*, porque se essa “genealogia” permite conferir uma espécie de nobreza à atividade filológica (por meio de sua origem pretensamente antiquíssima), o filólogo moderno reivindica ao mesmo tempo ser tão original que só poderia ser único em sua Modernidade:

Nesse ponto, é preciso abolir a opinião por meio da qual modelamos os críticos daquele tempo segundo a mesma fórmula

da crítica moderna. Nem mesmo o próprio Aristarco deve ser julgado segundo essa fórmula, como em breve demonstrarei. Certamente consideramos que os primeiros avanços da arte foram vagos e temerários, quer consideremos sua matéria nas *diaphōnīais* [disputas] dos rapsodos e manuscritos, quer a índole do engenho grego, quer a condição daqueles tempos, quer — enfim — os próprios restos da arte. Talvez muitos tenham se esforçado ao máximo de sua habilidade para representar Homero fielmente e em si mesmo; mas tinham que se esforçar ainda mais para fazê-lo jamais aparecer inconsistente ou indigno de si, frequentemente removendo muitos versos e, em outros lugares, adicionando outros polidos, onde antes não havia nenhum. Da mesma forma que hoje um homem elegante e engenhoso, mas crítico inexperiente, trabalharia com um monumento poético antigo de nossa língua, um que tivesse encontrado por acaso numa forma mutilada e anotada com variantes nas margens (deixadas por muitos leitores), assim, eu defendo, é mais ou menos como aqueles primeiros corretores labutaram para corrigir e harmonizar seus vates. Eles ainda estavam bem distantes da severidade que rigorosamente se abstém de introduzir algo não escrito pelo próprio autor da obra: ainda que, mesmo atualmente, nem sempre consiga evitar esse recife quem se destaca pelo engenho. Enfim, toda essa arte teve início mais no que nossos conterrâneos chamam de juízo estético do que no crítico, ou, se eu puder colocar assim, mais na confiança poética do que na documental. Muitos outros argumentos

podem ser facilmente reunidos a partir de todo o nosso livrinho para completar o raciocínio e, como veremos, a mesma coisa é sugerida pelo método que até os melhores alexandrinos usaram para corrigir os textos. (Wolf, 1795, p. clxxiii-clxxiv; [1795] 1985, p. 157-8).

Wolf sacrifica Homero e entroniza em seu lugar de prestígio na Antiguidade a Filologia alexandrina, mas nega que essa Filologia seja aquilo que ele próprio e seus contemporâneos pratiquem na Modernidade. Segundo um gesto paradoxal, que, entretanto, terá valor fundacional e será repetido pelas mais diversas propostas de *História dos Estudos Clássicos*, Wolf defende que esse campo de estudos tem uma origem antiquíssima, embora — ao mesmo tempo — seja tão original que possa reivindicar um lugar de destaque entre as primeiras disciplinas modernas.³ No trecho citado, cumpre notar o desprezo com que o estudioso se refere ao estágio de infância em que se encontra a crítica textual dedicada a línguas vernáculas (com uma possível alusão a Bodmer e seu trabalho como editor de poesia germânica medieval), assim como à disciplina da estética (numa referência ao termo cunhado por Baumgarten algumas décadas antes). Wolf reivindica a autoridade clássica que a Antiguidade confere à Filologia, mas reclama a dimensão fundamentalmente moderna de sua disciplina. É nesse sentido que cumpre entender Wolf

3. Algumas passagens das *Histórias dos Estudos Clássicos* onde esse mesmo movimento é retomado incluem: Sandys, 1903, p. 135; Kroll, [1908] 1919, p. 27-9; Wilamowitz-Moellendorff, [1921] 1998, p. 2-3; Righi, [1962] 1967, p. 49; Montanari, 2011, p. 22.

como assassino do antigo Homero, mas também fundador dos modernos Estudos Clássicos; descobridor de um Homero moderno, mas também destruidor dos antigos Estudos Clássicos. Fundador porque disposto a matar; descobridor porque disposto a destruir.

“A própria História passa a falar” (Wolf, 1795, p. CCLXIV). Friedrich Schlegel, num de seus *Fragmentos sobre filologia* (1.54), burila com precisão essa ideia que sintetiza o espírito dos novos tempos, ao anotar: “Os *Prolegômenos* de Wolf são únicos em seu gênero por meio do espírito histórico.”⁴ Como ficará manifesto em sua obra, mas também na de outros *Frühromantiker*, trata-se da tomada de consciência dos modernos acerca de sua própria Modernidade. Uma espécie de Queda, portanto. Esse “espírito histórico” estava circulando em obras do século XVIII, como as de Vico e Herder, não constituindo prerrogativa exclusiva de ninguém, mas não há dúvidas de que é Wolf quem se dispõe a invocá-lo para deliberadamente desafiar a posição ocupada pelo “deus dos poetas”. Entretanto, a coincidência entre o posicionamento de Wolf (com seu historicismo filológico) e aquele assumido por d’Aubignac (com seu neoclassicismo beletrista) parece assombrar o filólogo alemão e faz com que ele escreva uma nota monstruosamente longa (com quatro páginas

de extensão na publicação original), da qual seria proveitoso citar aqui o primeiro parágrafo:

*O dado está lançado, e certamente não vim despreparado para isso. Dois homens eruditíssimos que ainda estão vivos (oxalá assim permaneçam por muito tempo!) talvez se lembrem de que eu, nos anos de 1780 e 1781, discuti sobre esse tema com eles em conversas e cartas. Mas desde esse tempo, desviado por outras preocupações, raramente me permiti entre amigos opor uma palavra sequer que pudesse perturbar o silêncio e a opinião compartilhada pelos doutos. Também em meus cursos, durante muitos anos, imitei os intérpretes da doutrina sagrada, que, atemorizados pelo medo dos éditos, não ensinam aquilo com que concordam, mas o que foi prescrito como aceitável pela Igreja há muito tempo; nem publiquei algo sobre essas dúvidas. Além disso, repetidamente deixei de lado e destruí tudo o que anotasse acerca delas, a fim de que, depois que me fugissem da memória e da mente, uma nova reflexão, em outro momento, arrancasse aqueles escrúpulos. Certa vez, com efeito, fiquei bastante envergonhado de mim mesmo e me desafei de meu caminho (ou erro), quando li o livro de Charles Perrault, *Paralelo dos Antigos e Modernos no que diz respeito às artes e ciências* ([1692] vol. 3, p. 35), onde, para trazer opróbio à Antiguidade, avança uma hipótese similar àquela de um de seus conterrâneos (prevista para publicação). Pouco depois recebo a pequena obra que — como ele ameaçava — depois*

4. Schlegel, [1797-1803] 2016, p. 18, trad. Constantino Luz de Medeiros e Márcio Suzuki.

de negar que Homero tivesse existido, ensina terem ganhado corpo seus poemas *a partir da junção de tragédias e várias cantigas triviais, de mendigos e vagabundos, à la manière des chansons du Pont Neuf* [ao modo das canções da Ponte Nova], e outras coisas assim: e, na Introdução, afirma não ter aprendido nada de valor da literatura dos gregos. Esse último ponto é um de seus poucos posicionamentos que deve despertar a confiança geral. Os restantes são sonhos e delírios. Essa obra, chamada *Conjecturas acadêmicas ou Dissertação sobre a Ilíada*, escrita por um homem de resto não obscuro ou estúpido, e conhecido na Alemanha por outros livros também (François Hédelin, abade d'Aubignac), foi publicada depois que seu autor morreu (Paris, 1715), tendo permanecido longamente escondida junto aos editores de Charpentier e outros, que, por amor de seu amigo ou dos antigos, retardaram ao máximo sua publicação. Lida e relida por mim várias vezes, como disse, essa obra me desagradou de minha própria opinião, pois a caprichosa temeridade e a ignorância da Antiguidade presentes em d'Aubignac calharam de apresentar pontos semelhantes a ela; seriamente, comecei a procurar razões em defesa da posição comum, por mais incoerente que se mostrasse. Mas eu via que uma boa resposta a d'Aubignac não havia sido proposta por Boileau, Dacier e outros. Então, depois de me esforçar de vários modos para encarar as dificuldades históricas, logo voltava a ser atacado por elas e forçado a ceder novamente. Tenho consciência de que em nada me dobrei à vaidade da ambição ou à novidade da proposição,

e que empreguei todos os meus nervos para evitar as armadilhas do erro. Como testemunhas disso, tenho muitos amigos próximos, com quem compartilhei esse meu trabalho ao longo desses últimos anos, incitando-os a buscar a verdade e juntar cuidadosamente, dentro de um único conjunto, tudo aquilo que, nos próprios poemas, parecesse se opor a mim. E mesmo agora não estou discutindo essas questões para convencer alguém que já não esteja convencido pela própria matéria, mas para que, caso tenha errado ou distorcido algo com falsidade, possa ter meu erro condenado por alguém mais perspicaz. (Wolf, 1795, p. cxiii-cxv; [1795] 1985, p. 116-7).

Trata-se aqui de uma tentativa de exorcizar o espírito do classicismo que ronda a fundação pretensamente científica do historicismo, muito mais do que uma tentativa malfadada de esconder “um descarado plágio”, na linha das acusações de Victor Bérard (1917, p. 90-150). Gostaria de destacar o que essa desesperada tentativa de recalcar a presença do abade d'Aubignac e, mais do que isso, da *Querelle des Anciens et des Modernes* indica a um leitor contemporâneo. Num sentido muito mais profundo e prenhe de agouros do que Bérard parece ter imaginado, no momento em que escrevia seu libelo contra Wolf — nos extertores da Grande Guerra, sob o título polêmico de *Uma mentira da ciência alemã* —, podemos compreender que “[a] crítica homérica dos modernos é uma das filhas de

Descartes” (Bérard, 1917, p. 54). A longuíssima nota de Wolf consiste num sintoma do mal-estar provocado pela estranha proximidade de fundo que as discussões de uma disciplina pretensamente moderna, histórica e científica podem apresentar com relação a um debate pretensamente ultrapassado, anacrônico e impressionista. Valho-me da manifestação desse sintoma apenas para sugerir que Wolf revela assim o temor de que sua ciência seja menos objetiva do que gostaria de acreditar, ou que seu historicismo se apoie em mais anacronismos do que conseguiria admitir, ou mesmo que sua Modernidade tenha mais em comum com os antigos do que estaria disposto a aceitar.

- Recepção dos *Prolegomena ad Homerum*

Na imediata sequência da publicação de sua obra, Wolf envolve-se em duas polêmicas principais para tentar assegurar a precedência de suas descobertas científicas. Uma delas com Herder, que publica anonimamente em setembro do mesmo ano de 1795 o texto “Homero, o preferido do tempo”, na revista editada por Schiller, *Die Horen [As Horas]*. Não entrarei nos detalhes da publicação, mas o autor comemora as pesquisas recentes sobre os poemas homéricos e sugere que elas confirmam suas mais antigas impressões sobre o caráter oral e tradicional desse repertório. Aludindo a Blackwell, Wood e, por fim,

Wolf, o autor defende que as buscas pelo estabelecimento de uma versão “depurada” da poesia homérica tinham ignorado a natureza do processo histórico de transmissão desses poemas e conclui que “quem acredita num texto original de Homero, na forma em que esse fluiu de sua boca, é bastante crédulo de fato.” (Herder, 1795, p. 62). A reação exagerada de Wolf é quase imediata, aparecendo numa publicação de 24 de outubro do *Allgemeine Literatur-Zeitung [Jornal da Literatura em Geral]*, e sugere sua indignação perante o que lhe parece uma descarada tentativa de apropriação indébita de suas descobertas. Pouco depois, no dia 18 de novembro, Wolf envia uma carta para seu antigo mestre, Heyne, destacando os pontos principais de seus *Prolegomena* e solicitando uma apreciação de suas propostas por meio de uma resenha universitária, a fim de que elas não sejam arruinadas pelas leituras canhestras de amadores (como seria o caso do autor até então anônimo do texto publicado em *Die Horen*). É provável que, ao receber essa carta, Heyne já tenha sua resenha bastante adiantada porque três dias depois, em 21 de novembro, sua apreciação é publicada no *Göttingische Anzeigen von gelehrten Sachen [Anúncios de Göttingen sobre assuntos eruditos]*. Em seu texto, o estudioso reconhece a importância do trabalho preliminar de D’Ansse de Villoison para o que Wolf desenvolve nos *Prolegomena*, observando ainda que Merian já havia reunido com clareza os

principais argumentos para a defesa do caráter oral da poesia de Homero, mas reconhece o mérito da demonstração de Wolf, segundo a qual não deve ter havido um único cantor capaz de reunir na memória todo o material da *Ilíada* e da *Odisseia* antes que pudesse contar com o apoio da escrita. Faz, contudo, uma maliciosa insinuação na sequência imediata do argumento:

Para o Sr. Prof. Wolf, a expressão desse pensamento parece nova e ousada; ele demonstra, com muitos volteios, mas de forma erudita e perspicaz, a improbabilidade de que Homero já tivesse composto um todo épico bem articulado, nas páginas cix-cxxxviii. Para o autor desta resenha, contudo, a coisa parece bastante simples e ele sempre a apresentou dessa forma: não existem evidências históricas para o “sim” e o “não”; então é preciso que a probabilidade histórica decida; para isso, as regras elaboradas por nosso tempo são melhores do que as conhecidas pelos antigos gramáticos, que, como nós, apenas conjecturavam ou defendiam uma conjectura. (Heyne, 1795, p. 1861-2).

Se Wolf recorre a Heyne com o objetivo de estabelecer a originalidade de suas ideias, precavendo-se contra o risco de que sejam deturpadas ou plagiadas por literatos e amadores, imediatamente após a leitura dessa resenha deve ter percebido que a questão seria um pouco mais complicada do que isso. Essa querela já foi abordada

algumas vezes pelos historiadores dos Estudos Clássicos e, à luz da presente exposição, não creio ter deixado dúvidas quanto a meu posicionamento: Wolf foi aluno de Heyne e, sem dúvida, aprendeu uma forma inovadora de compreensão histórica da Antiguidade com ele; contudo, propôs desdobramentos radicais desses aprendizados e ousou encarar um abismo que seu professor até então tinha preferido ignorar; Heyne era um homem do Século das Luzes e trabalhava com princípios neoclássicos de interpretação da poesia antiga, mesmo quando se mostrava consciente da existência de um quadro histórico mais amplo. Nesse sentido, Wolf é uma figura de transição entre duas épocas e já prenuncia o tipo de leitura que se tornaria característico do século XIX, com seu interesse em compreender os textos mais como testemunhos históricos de uma dada época do que como a expressão modelar de um determinado estilo retórico.

A querela entre os dois dura algumas semanas e, dessa troca epistolar, fica textualmente provado que a modalidade de leitura praticada por Heyne até 1795 não se ajustava com a possibilidade de interpretar a *Ilíada* e a *Odisseia* sem pressupor a existência de um autor único e genial chamado Homero. Wolf ironiza precisamente isso no final de sua última e mais longa carta, enviada em 9 de janeiro de 1796, aludindo ao fato de que Heyne — em sua

mais recente edição da *Eneida* de Virgílio, mas também em seus *Comentários sobre a origem e as causas das fábulas de Homero*, no oitavo volume dos *Novos comentários da Sociedade Real de Göttingen*, no “Prefácio” das *Alegorias de Heráclito* e em muitos outros lugares de sua produção — destacava as intenções e invenções do poeta Homero por meio de sua conhecida fórmula: *Succesit ecce Homerus*. Ou seja: “Eis que veio Homero”. Os termos amargos dessa última missiva, já despida de toda a polidez e respeito que possam ter existido nas relações entre Wolf e Heyne, revelam a consciência aguda sobre duas visões de poesia dificilmente conciliáveis. Haveria o que explorar nesse debate ainda, mas não entrarei em maiores detalhes: esses documentos são acessíveis e quem quiser pode lê-los para tirar as próprias conclusões. A meu ver, não deixa de ser significativo que, após as acusações mais graves e textualmente demonstradas de Wolf contra Heyne, este último se recuse a responder, enquanto seu antigo discípulo reúna todo o material escrito durante a querela e o publique sob o título de *Cartas ao Senhor Conselheiro Heyne, enviadas pelo Professor Wolf: Um apêndice às mais recentes pesquisas sobre Homero* (1797).⁵

A dimensão pública das querelas intelectuais iniciadas por Wolf contra o autor anônimo do texto publicado na revista de Schiller, *Die Horen* (como vimos, ninguém

menos que Herder), assim como contra seu antigo professor da Universidade de Göttingen (Heyne), talvez tenha ajudado a suscitar o caráter explosivo da recepção dos *Prolegomena* no final do século XVIII. Em todo caso, a verdade é que a obra divide opiniões entre filólogos, críticos e poetas, sendo debatida por algumas das mais célebres figuras da cena pública alemã (e europeia), distribuídas basicamente entre seus admiradores e seus detratores. Proponho um breve panorama desse material para que se tenha uma ideia do impacto cultural que uma questão assim pode alcançar nesse contexto, partindo principalmente do que se encontra reunido no trabalho de Volkmann (1874, p. 71-115), que é a referência para as informações apresentadas abaixo:

- numa carta de agosto de 1795, o grande filólogo holandês Ruhnken acena com sua admiração pelo trabalho de Wolf, ainda que não deixe de expressar certa incredulidade com relação à tese principal sobre Homero (mesmo assim, cumpre admitir a sinceridade de sua admiração, porque em 1797 o erudito convidaria Wolf para assumir sua cátedra na Universidade de Leyden, na Holanda);⁶
- Friedrich Schlegel, tanto em sua correspondência privada quanto em publicações desse período, reconhece

5. Esse material está disponibilizado em tradução para o inglês no final da edição dos *Prolegomena* publicada por Grafton, Most e Zetzel (1985, p. 232-47).

6. Para a surpresa de alguns historiadores, Wolf recusa a oferta, embora faça uma visita a Ruhnken em Leyden (pouco antes de sua morte). Especulações sobre a razão de sua recusa envolvem desde nacionalismo (afinal, a Universidade de Halle é prussiana) até possíveis temores de perseguição por seus posicionamentos modernos, incluindo uma eventual desconfiança quanto à qualidade do ensino filológico naquele momento em Leyden (como sugere a anedota de que Wolf teria se mostrado surpreso com o fato de que Ruhnken praticamente não soubesse improvisar oralmente em latim). Para detalhes: Bernardini, Righi, 1947, p. 193-210; Righi, [1962] 1967, p. 143-4; Lanza, 1981, p. 536-7; Donato, 1986, p. 129.

7. Essa ambiguidade acerca da filologia praticada por Wolf aparece em muitos outros dos já citados *Fragmentos sobre filologia* de Schlegel ([1797-1803] 2016, trad. Constantino Luz de Medeiros e Márcio Suzuki): [1.26] “Wolf começa a historicizar um pouco. Mas está longe de ser suficiente.” (p. 13); [1.75] “Perigo de que aconteça a Wolf o que aconteceu com Winckelmann, Kant e Lessing, na antiga doutrina da arte, na filosofia e na teologia. Uma gota no oceano da trivialidade.” (p. 21); [2.198] “Há igualmente uma ironia propriamente filológica, e Wolf é o único que a possui.” (p. 80); [2.213] “Os *Prolegômenos* de Wolf são talvez a melhor rapsódia que existe.” (p. 83); [2.214] “Wolf parece que chegou apenas até a polêmica na verdadeira filologia, e não até a própria crítica. <Ele sabe o que é falso, mas não pode suplementar, substituir o verdadeiro.>” (p. 83). — Para mais referências sobre as relações de Friedrich Schlegel e a Filologia Clássica: Sandys, 1908, p. 72-3; Bernardini, Righi, 1947, p. 275-96; Righi, [1962] 1967, p. 157-61; Medeiros, 2018a; 2018b.

sua admiração pelo empreendimento filológico de seu antigo professor, mas pondera que sua abordagem precisaria ser complementada por uma visão estético-histórica para oferecer um panorama mais autêntico e completo da poesia homérica;⁷

- Wieland recebe o livro com entusiasmo, pouco após sua publicação, exaltando-o como uma fusão bem-sucedida entre a erudição polímata do século XVII e a fina sutileza da filosofia iluminista;
- em setembro do mesmo ano, sai uma apreciação positiva dos *Prolegomena* no texto lançado anonimamente por Herder, “Homero, o preferido do tempo” (já mencionado);
- pouco depois, Heyne publica suas apreciações críticas das contribuições (não tão) inovadoras de Wolf, insinuando sua própria precedência em muitas daquelas discussões (numa resenha também já mencionada);
- durante esse período, em correspondência privada, o poeta Klopstock repudia as proposições do filólogo;
- ainda em 1795, Schiller afirma que uma teoria sobre a origem dos poemas homéricos a partir de um

revezamento de rapsodos é algo barbárico [*barbarisch*] e, talvez à guisa de desforra, compõe o seguinte poema (intitulado “Ilíada”):

Sempre arruinar a coroa de Homero e enumerar os pais
Da obra eternamente perfeita!
Mas há apenas *uma* mãe e os traços dessa mãe,
Teus traços imortais, ó Natureza.⁸

- em 1796, o barão e antiquarista francês Guillaume de Sainte-Croix — depois de ler uma resenha sobre o livro de Wolf no *Magasin Encyclopédique* [Revista Encyclopédica] — escreve e publica *Refutação de um paradoxo sobre Homero* nessa mesma revista (Joret, 1910, p. 379), buscando reunir o máximo de argumentos de autoridade (principalmente dos antigos), com o objetivo de desacreditar os *Prolegomena*;
- pouco depois, o próprio D’Ansse de Villoison lê a *Refutação* escrita por Sainte-Croix e lhe envia uma carta de agradecimento cuja formulação tem grande interesse para a presente exposição (não apenas porque tenta se eximir de qualquer participação na “heresia” de Wolf, mas também porque indica em que termos a obra é inicialmente vista na França):

8. Esses versos são publicados depois numa coletânea das poesias de Schiller escritas entre os anos de 1789 e 1805. No original: „Immer zerreißet den Kranz des Homer und zählet die Väter/ Des vollendeten ewigen Werks!/ Hat es doch *eine* Mutter nur und die Züge der Mutter,/ Deine unsterblichen Züge, Natur.“

Recebi com o mais vivo reconhecimento o belo presente que tiveste a bondade de me enviar e sou muito grato pela atenção cuidadosa que demonstraste ao me fazer gozar de uma obra tão sólida e judiciosa. Homero encontrou em ti... um defensor digno dele. Tua dissertação é uma obra-prima de crítica, erudição e verdadeiro gosto. O Sr. Wolf é um erudito de primeira linha, mas sofre da doença do século: o furor de inovar. Ao mesmo tempo, como é quase impossível encontrar agora um erro novo, ele se limitou a ressuscitar aquele do abade d'Aubignac e tomou o cuidado para apoiá-lo com todos os recursos que lhe forneceu sua vasta erudição. Algumas observações dos críticos antigos, cujos trechos publiquei parcialmente nos Prolegômenos de meu próprio Homero, podem ter lhe fornecido algumas armas. Com leitura e espírito, é possível chegar a provar qualquer coisa e sacudir as mais incontestáveis verdades. (D'Ansse de Villoison, 1796 *apud* Joret, 1910, p. 379);

- ainda em 1796, Goethe compõe versos de entusiasmo para brindar a Wolf:

Primeiro, a saúde do homem que, enfim, do nome de Homero Libertando-nos com ânimo, nos chamou à via mais completa. Pois quem ousou a luta contra os deuses? E quem contra o Um? Afinal, ser um Homérida, ainda que o último, é uma coisa bela.⁹

9. Esses versos seriam incorporados à versão lírica do poema "Herman e Doroteia" [„Hermann und Dorothea"], em publicação de 1827. No original: „Erst die Gesundheit des Mannes, der, endlich vom Namen Homeros/ Kühn uns befreind, uns auch ruft in die vollere Bahn./ Denn wer wagte mit Göttern den Kampf? und wer mit dem Einen?/ Doch Homeride zu sein, auch nur als letzter, ist schön.“

- em 1797, numa resenha do poema épico recentemente publicado por Goethe, *Hermann und Dorothea*, August Wilhelm von Schlegel ressalta os avanços que os estudos de Wolf permitem na compreensão dos poemas homéricos;
- nesse mesmo ano, sai uma coletânea de versos de Schiller e Goethe sob o título de *Xenien*, da qual consta o célebre dístico de sabor satírico (de autoria schilleriana), "Der Wolfische Homer", ou seja, "O Homero de Wolf" (com um trocadilho intraduzível entre o nome do filólogo, o sentido comum do substantivo *Wolf* em alemão [lobo] e uma alusão a seu comportamento "lupino", "wolfiano"):

Sete cidades brigavam para ser sua terra natal:
Wolf o dilacerou e deu um naco para cada qual.¹⁰

- em 16 de maio de 1798, Goethe parece já ter mudado de ideia sobre os *Prolegomena*, porque envia nessa data uma carta para Schiller onde confessa estar cada vez mais convencido da unidade e indivisibilidade da *Ilíada* (posicionamento que se consolida com o tempo, como indicam passagens do final de sua vida, escritas na década de 1820, como o poema „Homer wieder Homer“, ou seja, "Homero, de novo Homero");¹¹

10. „Sieben Städte zankten sich drum,
ihn gebohren zu haben,/ Nun da
der Wolf ihn zerriß, nehme sich
jede ihr Stück.“

11. Os versos deste poema afirmam:
"Perspicaz como és na ação,/ Libertaste-nos de toda veneração,/ E super livres confessamos/ Que a *Ilíada* é feita só de retalhos./ Que nossa revolta não ofenda
ninguém,/ Pois tanto a juventude
sabe inflamar-nos,/ Que preferimos
pensá-La como um todo,/ Como
um todo alegremente senti-La!"
(GOETHE, [1827] 1960, T. I, p. 592).
No original: „Scharfsinnig habt ihr,
wie ihr seid,/ Von aller Verehrung
uns befreit,/ Und wir bekannten
überfrei/ Daß Ilias nur ein Flickwerk
sei./ Mög' unser Abfall niemand
kränken;/ Denn Jugend weiß uns
zu entzünden,/ Daß wir *lh*n lieber
als Ganzes denken,/ Als Ganzes
freudig *lh*n empfinden.“

- em 1799, Johann Heinrich Voss exprime uma opinião que já havia partilhado alguns anos antes com o próprio Wolf (durante um encontro em 1794), segundo a qual uma teoria como aquela sobre Homero só poderia ser uma brincadeira intelectual, porque não tinha qualquer relevância para o sentido profundo dos poemas homéricos;
- desde 1799, o filólogo italiano e tradutor de Homero, Melchior Cesarotti, interessa-se pelo livro de Wolf e inicia uma correspondência com seu autor, publicando em 1802 suas *Digressões sobre os Prolegômenos de Friedrich August Wolf*, nas quais — embora não pareça definitivamente convencido de nenhuma de suas teses principais — reconhece a solidez da argumentação do erudito e pronuncia uma das mais equilibradas avaliações da obra:

Há um grande risco de que em sua abordagem Wolf não tenha satisfeito suficientemente nenhum dos dois partidos formados em torno da questão. Certamente não ao dos homéricos, que serão os mais escandalizados, porque seu posicionamento não parecerá a blasfêmia de um libertino, mas a heresia de um teólogo; nem tampouco o partido dos desconfiados, porque, onde esses respeitam de bom grado Homero e desprezam sua *Ilíada*, ele, ao contrário, admira e exalta a *Ilíada*, mas sacrifica sem escrúpulos Homero. (Cesarotti, [1802] 1882, p. 197).¹²

12. As relações entre Cesarotti e Wolf são abordadas criticamente por Bérard (1917, p. 119-20) e Seure (1936, p. 64-5).

O impacto da recepção posterior de Wolf poderia continuar a ser delineado século XIX afora, pois aparece na obra de personalidades tão diferentes quanto Schelling e Leopardi,¹³ para nem mencionar a quantidade de filólogos alemães — vários deles discípulos diretos do próprio Wolf, como K. F. Heinrich, Gottfried Hermann, Friedrich Creuzer e Barthold Georg Niebuhr¹⁴ — que exaltam a importância histórica dos *Prolegomena*. Detratores sempre existiram e seguramente continuam existindo também nesse período. O que importa, contudo, é que Wolf se torna uma figura pública europeia e seus posicionamentos exercem influência ampla sobre discussões de literatura, filologia e educação. É levando em conta as possíveis consequências socioculturais de seus posicionamentos que cumpre analisar um aspecto curioso do comportamento do filólogo desde o momento em que delineia o plano de seu livro (no início da década de 1790) até o final de sua vida. Apesar da mais firme convicção interior, Wolf apresenta sempre certa hesitação quanto à recepção de suas ideias.

A esse respeito, emblemática é uma carta que ele escreve em francês e remete, em maio de 1799, ao então Secretário vitalício da Academia de Ciências da Prússia, ninguém menos que Johann Bernhard Merian (autor do *Exame sobre a questão se Homero escreveu seus poemas*, de 1793):

13. Schelling sugere que o trabalho de Wolf, paradigmático na Filologia, ainda se tornaria um modelo para os futuros pesquisadores das Ciências Naturais, propondo o seguinte raciocínio: a terra é um livro formado por uma miscelânea de fragmentos de épocas muito díspares; cada mineral é um real problema filológico; na geologia, ainda se aguarda pelo gênio que analisará a terra como Wolf analisou Homero (Grafton, Most, Zetzel, 1985, p. 27). Sobre a experiência reveladora de Giacomo Leopardi ao ler os *Prolegomena*: Donato, 1986, p. 135.

14. Sobre a vida e a obra de filólogos “wolfianos” na história dos Estudos Clássicos: Kroll, [1908] 1919, p. 117-20; Sandys, 1908b, p. 77-101; Wilamowitz-Moellendorff, [1921] 1998, p. 52-5; Bernardini, Righi, 1947, p. 453-536.

No que diz respeito ao Senhor Cesarotti, quanto mais eu leio seus comentários — que só obtive graças a teus esforços —, mais eu prevejo que esse erudito não admitirá minhas ideias, como aliás nenhum tradutor de Homero. Pois quanto mais se penetra por meio da crítica histórica no fundo desse poeta (ou melhor, cantor), mais se perde a vontade de compartilhá-lo com um público moderno.

Por acaso viste o julgamento pronunciado por Frederico, o Grande, numa de suas cartas publicadas recentemente? “Virgílio diverte-me, mas Homero me aborrece” — e é assim que sente a maioria dos homens que têm gosto, ainda que nem todos se pronunciem tão positivamente quanto os reis e os Merciers.

Nós mesmos, contudo, Sr. Merian, não pensaríamos de outra forma, se lêssemos apenas traduções latinas ou francesas. Até onde posso compreender, quem não leva em conta o ponto de vista histórico que dei a minhas pesquisas, quem vê os dois poemas como produções da arte ensinada por Aristóteles, e não como monumentos da mais recuada antiguidade, estará sempre arriscando julgar desastradamente a integridade e mesmo o mérito desse aqui presente Deus dos poetas [*ce ci-devant Dieu des poètes*]. (Wolf, 1799 *apud* Seure, 1936, p. 64-5).

Em outras partes de sua correspondência, Wolf demonstra preocupação com o que pode advir da exposição

pública de um argumento como o seu. Se reis, como Frederico II da Prússia, e críticos beletristas de jornal, como Louis Sébastien Mercier, podem se manifestar abertamente sobre uma questão assim, um filólogo precisa ser mais cauteloso. Nesse sentido, a preferência pelo latim como língua de publicação, além de ser uma praxe convencional ainda preservada em ambientes eruditos, assegura que o acesso a suas ideias seja restrito a uma pequena elite intelectual europeia, evitando chamar atenção indesejada de autoridades políticas que pudesse ficar desconfiadas. Como se isso não bastasse, o autor adota ainda um estilo elíptico e ziguezagueante na exposição de seus argumentos, desenvolvendo um aspecto retórico dos *Prolegomena* que costuma ser destacado tanto por sua força sugestiva quanto por sua frouxidão conceitual: afinal, quem muito sugere, mas pouco define, incentiva que seu texto seja lido e reapropriado das mais diversas formas. E essa é uma estratégia para jogar com as expectativas do público, avançando certas posições aos poucos, por meio de uma dramatização dos movimentos hesitantes de um pensamento vivo. Isso emerge em mais de uma passagem da obra, sendo desenvolvido em momentos importantes de outras produções de Wolf, como no “Prefácio” de sua edição crítica da *Ilíada*, onde afirma que lhe ocorre de eventualmente se afastar dos argumentos históricos e sentir o ímpeto de voltar a ler o texto como faziam os velhos

gramáticos ([1804] 1817, p. xxi). Mas esses flertes com a tradição aparecem apenas para ser afastados como característicos de uma fase superada na história da Filologia. Em sua correspondência pessoal, Wolf não demonstra o menor arrefecimento em suas convicções. Numa carta ao filólogo inglês Barker (n. 657 Reiter), enviada em 1810, ele não hesita em sintetizar sua tese nos seguintes termos: “É preciso considerar muito posterior a Homero quem quer que seja o autor da *Ilíada* e da *Odisseia*”.¹⁵

OUTROS DESDOBRAMENTOS DA ATUAÇÃO DE WOLF

Esse quadro geral talvez explique por que, embora viesse dedicando cursos teóricos sobre sua concepção moderna de “enciclopédia filológica” desde meados da década de 1780, Wolf mostra-se hesitante em reunir esse material para defender publicamente a modernização do ensino de Filologia, com suas implicações sobre a prática da educação de modo geral. Uma revolução nas circunstâncias históricas acaba forçando-o a se encarregar também disso. Em 1806, tropas napoleônicas avançam sobre o território da Prússia e, com a ocupação inimiga, a Universidade de Halle é obrigada a fechar, sob a acusação de articular tentativas de resistência e fomentar ideais nacionalistas. Wolf muda-se para Berlim, onde começa a segunda fase de sua vida, quando ajuda Wilhelm von Humboldt a idealizar um novo modelo de universidade,

sobretudo com a publicação de um projeto intitulado *Darstellung der Alterthums-Wissenschaft [Apresentação da Ciência da Antiguidade]* (1807). Dessa forma, ele coopera com a proposição de um enquadramento institucional — em termos pedagógicos (de *Bildung*) e disciplinares (de *Wissenschaft*) — para dar continuidade ao tipo de modernização que já suscitara alguns anos antes com a publicação de seus *Prolegomena ad Homerum*. Mas isso é assunto para outra exposição...¹⁶

REFERÊNCIAS

15. Uma referência atualizada em língua portuguesa acerca do *status quaestionis* dos estudos homéricos é o livro *A Musa difusa*, de André Malta (2015).

16. Agradeço aos editores da revista *Em Tese*, bem como aos pareceristas anônimos, pelas sugestões que aprimoraram algumas das minhas proposições.

BÉRARD, Victor. **Un mensonge de la science allemande.** Les « prolégomènes à Homère » de Frédéric-Auguste Wolf. Paris: Librairie Hachette, 1917.

BERNARDINI, Antonio; RIGHI, Gaetano. **Il concetto di filologia e di cultura classica nel pensiero moderno.** Bari: Giuseppe Laterza & Figli, 1947.

CESAROTTI, Melchior. **Prose edite e inedite.** A cura di Guido Mazzoni. Bologna: Nicola Zanichelli, 1882.

DONATO, Riccardo Di. Storia della tradizione come storia della cultura: Filologia e storia nei **Prolegomena** di F. A. Wolf. **Annali della Scuola Normale Superiore di Pisa**, ser. III, v. 16, n. 1, p. 127-139, 1986.

GOETHE, Johann Wolfgang. **Berliner Ausgabe:** Poetische Werke. Band 1-16. Berlin, 1960.

GRAFTON, Anthony; MOST, Glenn; ZETZEL, James. Introduction. In: WOLF, Friedrich August. **Prolegomena to Homer:** 1795. Translated with Introduction and Notes by Anthony Grafton, Glenn Most and James Zetzel. New Jersey: Princeton University Press, 1985, p. 1-35.

HERDER, Johann Gottfried (Anon.). Homer, ein Günsling der Zeit. In: SCHILLER, Friedrich (ed.). **Die Horen.** 3. & 4. Band. Tübingen: J. G. Cottaischen Buchhandlung, p. 53-88, 1795.

HEYNE, Christian Gottlob. 186. Stück. Recension von **Homeri Opera Omnia**, Frid. Aug. Wolfii (Halle, 1795). **Göttingischen Anzeigen von gelehrten Sachen**, 21 November 1795, p. 1857-64, 1795.

JORET, Charles. **D'Ansse de Villoison et l'hellenisme en France.** Paris : Librairie Honoré Champion, 1910.

KROLL, Wilhelm. **Geschichte der klassischen Philologie.** Berlin; Leipzig: Walter de Gruyter, 1919 (orig. 1908).

LANZA, Diego. Friedrich August Wolf: L'antico e il classico. **Belfagor**, v. 35, n. 5, p. 529-553, 1981.

MALTA, André. **A Musa difusa:** visões da oralidade nos poemas homéricos. São Paulo: Anna Blume Clássica, 2015.

MEDEIROS, Constantino Luz de. O antigo e o moderno em Friedrich Schlegel. In: SCHLEGEL, Friedrich. **Sobre o estudo da poesia grega.** Trad. Constantino Luz de Medeiros. São Paulo: Iluminuras, p. 9-20, 2018a.

MEDEIROS, Constantino Luz de. **Invenção da modernidade literária:** Friedrich Schlegel e o romantismo alemão. São Paulo: Iluminuras, 2018b.

MONTANARI, Franco. Ancient Scholarship and Classical Studies. In: MATTHAIOS, Stephanos; MONTANARI, Franco; RENGAKOS, Antonios (eds.). **Ancient Scholarship and Grammar:** Archetypes, concepts and contexts. Berlin; New York: De Gruyter, 11-24, 2011.

RIGHI, Gaetano. **Historia de la filología clásica.** Trad. J. M. García de la Mora. Barcelona: Editorial Labor, 1967 (orig. 1962).

SANDYS, John Edwin. **A History of Classical Scholarship.** 3 Vol. Cambridge: University Press, 1903–1908.

SCHLEGEL, Friedrich. **Fragmentos sobre poesia e literatura (1797-1803)**: seguido de Conversa sobre poesia. Tradução e notas de Constantino Luz de Medeiros e Márcio Suzuki. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2016 (orig. 1797-1803).

SEURE, Georges. Frédéric-Auguste Wolf d'après sa correspondance. **Journal des savants**, p. 58-71, 1936.

VOLKMANN, Richard. **Geschichte und Kritik der Wolfschen Prolegomina zu Homer**. Ein Beitrag zur Geschichte der Homerischen Frage. Leipzig: Drück und Verlag von B. G. Teubner, 1874.

WILAMOWITZ-MOELLENDORF, Ulrich von. **Geschichte der Philologie**. Mit einem Nachwort und Register von Albert-Henrichs. 3. Auflage. Stuttgart; Leipzig: Springer Fachmedien Wiesbaden GmbH, 1998 (orig. 1921).

WOLF, Friedrich August (ed.). **Briefe an Herrn Hofrath Heyne von Professor Wolf**: Eine Beilage zu den neuesten Untersuchungen über den Homer. Berlin: G. C. Nauk, 1797.

WOLF, Friedrich August. Darstellung der Alterthums-Wissenschaft. In: WOLF, Friedrich August; BUTTMANN, Philipp (eds.). **Museum der Alterthums-Wissenschaft**. 1. ed. Berlin: Realschulbuchhandlung, 1807, p. 1-145. Disponível em: <<https://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/museum-alterthumswissenschaft>>. Acesso em 03 abr. 2021.

WOLF, Friedrich August. **Ein Leben in Briefen**. Ed. Siegfried Reiter. Wiesbaden: Springer Fachmedien Wiesbaden GmbH, 1990 (orig. 1956).

WOLF, Friedrich August (ed.). **Homeri et Homeridarum Opera et Reliquiae**. Lipsiae: Bibliopolam G. I. Göschen, 1817 (orig. 1804).

WOLF, Friedrich August. **Prolegomina ad Homerum**. Halle, 1795.

WOLF, Friedrich August. **Prolegomina to Homer**: 1795. Translated with Introduction and Notes by Anthony Grafton, Glenn Most and James Zetzel. New Jersey: Princeton University Press, 1985.

Recebido: 16/11/2023

Aceito: 23/11/2024